



Antonio Martinelli

**TETRALOGIA
DA PESTE**

[+ dois tempos, uma cidade]

SÉRIE
PANDEMIA

n-1
edições

$n-1$

O livro como imagem do mundo é de toda maneira uma ideia insípida. Na verdade não basta dizer Viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática será suficiente para fazê-lo ouvir. É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira mais simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a $n-1$.

Gilles Deleuze e Félix Guattari

Antonio Martinelli

**TETRALOGIA
DA PESTE**

[+ dois tempos, uma cidade]

M-1
edições

Brasilândia, Zona Norte

para Dione Carlos

No fim de um mundo
há Brasilândia, João.
No fim de um mundo
há vida, há precariedade,
há vida...
No fim do mundo,
há um quarto de despejo,
bairro de lata
ferro areia
casas de taipas
madeira zinco eternit
e estômagos colados, Carolina.
Brasilândia, zona norte
não tem baile
para os sem trabalho,
não tem roda
para os sem bico.
- não tem pancadão -
nem entrudo ou carnaval,
a peste chegou

- disseminando desigualdades
revelando precariedades -
na quebrada:
Brasilândia já não canta!

[Sei que cidades telegrafam
misérias, João,
pedindo máscaras
respiradores
e cestas básicas
o menino chora
não consegue estudar
a jovem se desespera
a prova, será preciso adiar]

Na Brasilândia
tem mais mortes
- em absoluto - na cidade.
Mas agora é menor
o número de pipas
na antiga vila da maldade.
[o medo segue sobrevoando
com os urubus

sobre o céu da Brasilândia!]
Agora, João
é maior o número de mortos,
mais peste,
menos bala.

No fim de um mundo,
[antes]
outras pragas
exploração bandeirante
[antes]
açoite
a herança escravocrata
da Brasilândia,
outras pestes
[não é só memória crua
de olaria
tijolo telha trabalho semiescravo,
cinza quente
de fazenda de café,
pedregulho terreno clandestino,
pedreira das almas,
colheita trabalho cascalho

nordestinos abrindo caminho]
Mas há vida, sim,
e o povo da Brasilândia
ainda canta!,
não ramela
e trabalha, e se envolve,
faz seus corres,
e divide, e se ajuda, e se salva,
pelo justo,
pelo correto.

Ah, cidades invisíveis,
mundão
dentro de outras cidades:
Rocinha Sol Nascente
as Cidades de Deus
Heliópolis Afogados
Capão Terra Firme
Paraisópolis Serra
Totó Maré
Nordeste de Amaralina
Cabana do Pai Tomás
Vila Prudente Vidigal

Baixadas da Estrada
Nova Juruna -,
quase todas, sempre igual:
terra roubada
grilada por branco,
[sem futuro, só ferida!]
talhada
em corpo negro,
habitada
por suor nordestino,
conquistada
de índios, caboclos, mulatos,
pobres expurgados
dos cortiços,
vendidos pelo preço de usados,
repelidos do centro,
por arrastar o progresso...
[Ah, as promessas
de nova vida!
na troca da dignidade
por um gleba abandonada
um pouco de areia, cimento, tijolo
em morros e baixadas]

Histórias apagadas
- Morro da Favela -
com a peste praga,
descortinam suas misérias.

O povo da Brasilândia
vai levando a vida
no fluxo
sem pensar futuro
uns acima,
outros abaixo.
[o tempo do desespero
é o agora!]
na paisagem ocre: bloco
no culto: glória
embaixo da terra: corpo morto.
Não tem calendário
com semana,
não tem plano para o mês.
É o hoje, com sorte
amanhã,
no esgarçado limite,
entre a crença em deus

e fome.
João, cê já nos disse:
retirante realidade, fome
num vira abstração.

[ontem]
deram uma maçã
pro menino da Brasilândia
afugentar a morte
[criança nunca fica oca,
mas sem comida
não para em pé!]
- Mete o dente no amor, menino!
Precisa ver a felicidade
nos olhos do garoto...
Na Brasilândia
os homens não leem jornais,
nem os compram pra cachorro,
eles o usam no embrulha-corpo
no junta-cadáver
branco no preto
tentando encobrir
a dureza pedaço a pedaço

[- cuidado onde pisa
tem sangue no chão!]
Na Brasilândia
poucos se chocam,
poucos se assustam
com a Peste, João.
As mães da Brasilândia
sofrem em moto-contínuo
a perpétua violência
contra negra população
[- máscara para quê?
o que vai adiantar?]

Se liberdade é ausência
de terror, alarme, sirene, temor, medo,
quem é livre na Brasilândia?
Não tem normal
em Maracanaú,
só morte acre.
Não tem espaço
só fronteira entre o ser
e o não ser
no Complexo do Alemão.

Horror irremovível
na favela cidade clareira Altamira,
no fundo do poço
grilado, ferida
morre pobre, morre índio.
Com o fim presente,
na Brasilândia, João,
há homens indiferentes.
Peste nenhuma tranca rua
tem vias vazias,
mais tem multidão
na fila da doação.
É fome, João!
Em Novo Aleixo
na porta de bancos
desespero,
é preciso pagar o caixão,
papelão e carroça também custam, João!
Em Taboão
aglomerados por marmitas
na porta de um Bom Prato.
Na Brasilândia,
tem lojinha aberta sim, João,

pois há gente
e gente que precisa trabalhar.
[- Como fecha a conta?]

Em vez de juízo final
o que preocupa o povo
da Brasilândia, João
é desigualdade.
Nada mudou por ali
na quebrada, na viela
a morte continua
a rondar de perto
[as negras batidas na Brasilândia]
O véu branco que você me fez olhar
voou
e caiu no deserto sem saneamento da
Brasilândia.
Não há paz
em labirintos escondidos
[com polícia]
Não há ar
em superlotação
[ventilação é cólera]

com peste, malária, dengue, virulência, diarreia
Não há segurança
na ausência do Estado,
no desarranjo, só pobreza.

De medo da Peste
na Brasilândia,
são os carros de som
com vocabulário próprio
que gritam:
Fica em casa!
[favela comunidade barraco
vai faltando ar
espaço apertado
se espremem entre cotovelos
e dentes,
nem todos conseguem respirar]
Em Heliópolis
é a rádio que suplica,
em sintonia:
Fica em casa!
[São Jorge olha pros
desvalidos da Capadócia?

Ogum guarda o povo guerreiro
na imensidão
da nossa Brasilândia?]
Há mães de filhos sem emprego, escoraçados
do trabalho,
há mães de filhas sem estudo,
há mães de garotas violadas,
há mulheres violentadas,
há irmãs de um irmão entubado, todos
condenados,
há irmã de uma irmã acamada, todas renegadas.
uns muitos corpos vivos,
em labirintos escondidos,
corpos quase mortos,
ardendo como o sol
em seus barracos,
sem água.

[Sei que cidades telegrafam
pedindo máscaras
respiradores
e cestas básicas]
Mas precisam,

urgentemente de querosene,
João
Desse mundo particular
só há notícia
dos sem hora exata
pra morrer para partir para apagar para sofrer.
Precisam de combustível,
para amotinação.
Precisam de gasolina,
insurgente rebelião.
Eu já não creio em quase nada,
João,
que não seja agitação
e alvoroço do Povo.
Será preciso a Brasilândia
atear fogo no Brasil?
Caso contrário, sem motim
o poema final ninguém escreverá, João.
Esse é meu sonho!

Calvário

I.

[Agora

no desolador presente dos dias]

Toda hora é de luto

em Guayaquil.

Centenas de caixões nas ruas,

dezenas de corpos expostos.

É assim, a mais triste história

de Guayaquil:

a cidade que abandonou

seus doentes,

em cima das macas,

seus mortos,

em cima das mesas.

[carnes para urubus

nas praças públicas]

No caos

improvisado

- entre guardas ou descartes -

amontoados de cadáveres

transitórios,

alterados,
irreconhecíveis,
na mortuária Guayaquil.

II.

O que era precariedade ofensiva,
o que era pobreza devastadora,
miséria atestada,
o que era desigualdade garantida,
agora rebentou Guayaquil.

Uns correm de um lado a outro,
por corredores, enfermarias,
filas, hospitais
[não encontram seus internos,
na bagunça de Guayaquil]
uns caem de um lado e de outro,
em ramplas, esquinas e avenidas
de Guayaquil.

Não há comida
nos barracos amontoados
de gente pobre, faminta
na Nigéria de Guayaquil.
Não há espaço pros mortos,

não há leitos pros vivos
em Guayaquil.

Não há tempo para choro,
pesares, condolências:
Guayaquil, nossa Gólgota
latino-americana.

III.

A tristeza desbotou o colorido
das casas casebres favelas
de Guayaquil.

Crianças proibidas não
brincam

nos parques barrancos vielas
de Guayaquil.

Famílias passam dias e dias
num fúnebre apodrecimento
de seus cadáveres

- dentro do ninho -

sem velório aberto aos amigos.

Um morreu na cama, no quarto,
outro caiu no banheiro,
embrulhado, agora vive

na despensa ao lado.
Em Guayaquil,
todos rezam em novena
pelo recolhimento dos mortos.
A menina acompanha a vó vidrada,
assustada,
respeitando a distância
da respiração parada.
- Morto ressuscita?
Uma eterna espera
- dias, noites e dias -
a avó enrolada em lençóis de flores e gaze
deixada sob a mesa da sala.
Com medo, os vivos de Guayaquil:
não tocam, não acariciam,
não beijam,
só temem o vírus vivo
nos corpos mortos de Guayaquil.

IV.

A força destruidora da Peste
colapsou Guayaquil
- hospitais, necrotérios, cemitérios -

uma cidade em convulsão.
O medo bloqueou coveiros,
não há manejo dos corpos mortos
em Guayaquil.
O medo bloqueou legistas,
não há autópsia
em Guayaquil.
O medo bloqueou agentes funerários,
em Guayaquil.
[Difícil localizar seus mortos
nas ruas, nos montes de corpos,
nas câmaras frias de Guayaquil]

V.

Corajosos ou desesperados?
perambulam por Guayaquil,
em busca de ajuda, leite, comida.
Insubordinados diante do Estado,
afrontosos à polícia, ao exército,
não se recolhem, rompem o toque.
Quando pegos,
os rebeldes revoltos
desesperados esfomeados

desempregados de Guayaquil,
são castigados à chicotadas,
seus cabelos são cortados.
A sirenes são a música
de Guayaquil.
O resto: choro ou silêncio.

VI.

O cheiro e desespero
assolam a gente de Guayaquil
Descrente, o filho
embrulha o pai em sacos
e o bota para fora.
Assim, devastados,
seus familiares são deixados:
dentro das casas,
[a dor afogada na fronha,
a culpa abafada no travesseiro]
nas ruas de Guayaquil,
embrulhados em plásticos
pretos, transparentes,
são largados em banheiros.
Ali permanecem, no putrefato

aguardo da força-tarefa
- que nunca chega -
polícia, exército, estado.
A demora produz
carniça,
daí resta a festa
aos assustadores abutres
que sobrevoam Guayaquil.

VII.

Já são incontáveis
os cadáveres perdidos
em toda Guayaquil.
Poucos enterros,
valas comuns,
enquanto autoridades
erguem novos cemitérios
aos pestilentos
de Guayaquil.
Os que circulam
pelo Parque de La Paz,
juram ouvir
o fantasma de Donoso,

recitando poemas de
Cantos para Celebrar Una Muerte.
Caixões embrulhados
de papéis,
Caixões de papelões,
levam corpos trocados,
na cidade onde os mortos
se passam por outros mortos,
na súbita, atacada,
desvalida cidade de Guayaquil.

VIII.

A cidade tem um cheiro doce
dos corpos das filhas e filhos
incinerados de Guayaquil.
As roupas, contaminadas
em montes, são queimadas.
Agora, ninguém mais vê o sol
equatorial em Guayaquil.
Em tempos de peste,
só resta a grande turvação
cinza, escura, encobrimdo o céu.
O perfume carbonizado

da extinção.

Enquanto, os vivos gritam
por oxigênio.

No sacolejar das carroças,
e caminhões, improvisados,
o transporte dos mortos
em decomposição
derrama nas ruas
um líquido dos corpos
expelindo e espalhando veneno.
Não há mais nada sadio
sob o solo de Guayaquil!

O mau cheiro é insuportável!
Toda Guayaquil será infectada?

Manaós

para Maria Thaís

[Lugar da Barra do rio Negro]
cidade encravada na floresta,
encava com escavadeiras
os buracos sem sepulcros.
cidade encabulada na floresta,
revela o vexado das valas
sem túmulos dos gripados.

[Ah, a Paris decadente dos Trópicos!]
cidade abandonada na floresta,
acoimada com suas grunas
sem campas ou cruzes de ouro,
na capa do New York Times.
cidade escanifrada na floresta,
por seus mortos sufocada.
quem na Alvorada vai amanhecer vivo?
quem vai despontar morto?

cidade forjada
na estupidez e na violência

no desejo de domínio ao índio
cidade pilhagem
na toleima recusa da alteridade
na impositiva desrazão
cidade invadida
pelo fantasma colonizador
cidade roubada
por querelas partidárias
cidade estado país
tramados em covis
não querem que o índio seja índio,
cidade estado país
no toque do rebate
não querem que o pobre seja trabalhador
[sede da Capitania de São José
do Rio Negro]
cidade sangrada, tensão latente
cidade encastrada na floresta,
enterra em valas os mortos
da sua ralé!

não deixemos para depois,
a real contabilidade dos corpos,

cantemos a tragédia
[nem a Mãe dos Deuses
é capaz de benzas e curas
no moto-contínuo
de tantas febres e epidemias]
eu choro em ver-te em cabouco
na capa dos jornais internacionais.
cidade penetrada na floresta,
metida no centro do desastre,
agora tudo é fosso!
[Comarca do Alto Amazonas]
cidade incrustada na floresta,
ah, cidade e estado criados
pela destruição
deslocamento
de aldeamentos e vilas,
morre negro, tuxaua, caboclo,
xamã, branco, seringueiro,
pardo, morre índio.
cidade e país continuum de guerras
cidade país emburacados
no abre covas populacho.

a quem cabe cavar
a responsabilidade da penúria?
[memórias em arquivos
podem ser apagadas, queimadas,
manipuladas no futuro]
quem será julgado por nossos mortos?
até quando vão furar seu solo?
cidade extraída da riqueza,
até quando minada?
cidade estado nação
forjados no escravismo
no amazônico sertão
cidade assolapada,
até quando deitarão nossos povos?
cidade tombada
até quando abaterão nossa floresta?
os vivos manauaras se envergarão
diante da bandeira
e da camiseta da seleção?

o que era verde apodrentou!
não há esperança
só resta o poderoso grito

produzido pelas asas
dos tananás
e ininterrupto canto
produzido no grunhido da dor
dos vivos.

Eu, daqui, choro borracha,
diante da desgraça do meu país,
do descaso executivo,
sem vela, discurso, ação,
uma necropolitana gestão,
sem responsabilidade,
sem respeito,
vê queimar a última página da Gaia.

[herdeiros de Ajuricaba,
símbolo de resistência e liberdade]
restam os transmissíveis
insubordinados manaós,
agora desassistidos,
abandonados, acamados,
sem ar, sem oxigênio, sem pulmão,
no meio da Floresta.
Serão seus corpos

jogados nas águas do
rio Negro?
Aos vivos, só resta
o mergulho manaó para morte?
Eu sonho uma nova
Cabanagem!
Quem recusará servir
como escravo?
Não permitam que essas valas
sejam uma terra de incógnita...
nenhuma dessas são nulas,
não estão vazias,
nem de corpos,
nem de memórias.
Terreno deserto
é terreno colonizado.
Narremos,
cantemos essa história
Contemos os nossos mortos,
os mortos de Manaós, um a um.
Em números e nomes, em etnias.

O Eco de Bérghamo

para Juliana Braga

[ontem, no avançado da noite]

Eu vi o apagamento
das figuras
em telas imortalizadas,
agora sem protagonistas.

Projetei as incontornáveis
obras da história,
sem pessoas, reis, povos,
dançarinas, escravas,
modelos, figurinistas.

[ontem, no breu]

Maravilhado, me perdi
nos Espaços Ocultos
do artista espanhol
que ressignifica a vida
tomando de assalto,
sequestro,
grandes ícones
de um mundo passado.

[hoje]
Espanto e horror
são tanques,
são mortos,
são caixões,
tocam os sinos de Bérgamo.
Sobressaltado,
ainda perdido no tempo,
no avançado
cansado das horas,
no embaralhado dos dias:
água fervendo, em jejum,
para o amargo do café
e um primeiro cigarro.

[no Jornal]
estampada a maior
de todas as certezas:
A vida não imita a arte!
[no Eco de Bérgamo]
a mais dura de todas
as firmezas:
A vida é muito maior
que a arte!

[agora, diante da tragédia]
ressoa em mim:
Ballester e Bérghamo
anunciando
o fim
do homem no centro,
da humanidade,
do antropoceno.

[ontem]
Sem As Meninas,
percebo impossível haver
o jogo elíptico
da obra mestra,
com os apagamentos
da infanta, da freira, da anã,
e removidos o guarda,
o camareiro,
o bobo da corte,
sem o pintor de Sevilha,
não vemos o artista
com olhos de criador.
Para quem Velázquez estava olhando

quando a pintou?
Para nós, espectadores.
Para a eternidade,
para os que ainda não
nasceram.
[Mas agora os museus
estão fechados!]

Sem o artífice presente,
o grande protagonista da peça,
sem a gente,
fora desse quadro
- conceito literário -
o jogo de câmara
entre realidade e ficção,
não se arma.
Só resta o ateliê vazio,
não há cena no Palácio Real
no espelho reflexo
no fundo do quadro
não há um só rei,
uma só rainha,
não há valores, nem ideias,

não há você, nem eu.

[hoje]

lendo o noticiário

- Eco de Bérghamo -

alcanço a tristeza da foto

[uma procissão de funeral]

estourada, rasgando página

vazando da folha,

acertando minhas crenças

desmoronando o que restava,

de mim, de ti, de nós...

são muitos os mortos

de Bérghamo.

[ontem]

Segui projetando a beleza

em parede branca

noite adentro, no silêncio

das ruas.

Atônito, contemplei

a extensa mesa

- peixe, pães, laranjas,

água e vinho -
no mais reproduzido dos quadros
da humanidade,
aquela última ceia,
inventora das mais diversas
narrativas, análises,
pseudohistórias, fofocas.
Na pós-santa-ceia de Ballester
não estão Jesus, nem Judas,
tampouco os demais apóstolos.
[Agora não há ponto de fuga
para tanta dor
diante das mortes
de Bérghamo]
Nem todo aquele conhecido teatro:
"- Um de vós me há de trair!
- Sou eu, Senhor?"
Será que se atrasaram os santos?
Sem esses homens,
não há simetria entre os corpos,
não há gestos emocionais,
não há movimentos físicos,
não há centro,

nem indignação,
não há partilha,
tampouco desordem.
Retirados, impossibilitados
de sentarem-se à mesa,
não comungarão
do pão, do corpo,
do sangue e do vinho?
Sem um Cristo e um Judas
estariamos nós
salvos da traição?
Sem a mesa composta
pelo Salvador e seu bando,
não haveria um traidor
no seio de nenhuma família?
Não teria Iscariotes comido
o bocado molhado da inveja?

[hoje, assisto cenas
do cortejo dos mortos]
E mesmo todo papel
seria insuficiente
para limpar minhas lágrimas.

[na véspera do abominável agora]
Na minha solitária e imóvel
ronda noturna
pela obra de José Manuel,
a espanhola Guernica
de Picasso também está vazia.
Haveria guerra e dor,
haveria fascismo, miséria, nazismo, terror
sem a presença do humano?

Em um outro lugar de caça,
desocupado desabitado
na branca neve
do quadro vago de Bruegel, sem cães,
o homem não é o lobo
do homem,
não há mais caçadores,
onde o homem é o lobo
do lobo.

[Agora não seriam os lobos
os caçadores de homens?]
Em Bérghamo,
estão todos mortos?

[hoje,
ouço a marcha fúnebre]
nem todo aquele jornal
- "Eco de Bergamo" -
depois de folheado
à exaustão
- surrado batido molhado
seco deformado enrugado -
seria suficiente
pra embrulhar meu coração.
[Como seria o mundo,
sem o misterioso sorriso
de Monalisa?]
eu durmo
com a luz do projetor
e os primeiros raios do sol...
A cidade já expulsou
seus Demônios, Giotto?
Estão todos em casa!
Mas e a doença? e a Peste?
Já não vejo nada no céu.
Eu sonho,
um jardim inane

de desejos e prazeres,
já não há pecados -
nem gula, ira, soberba,
nem avareza, inveja, preguiça,
todos despejados.
Já não há nem luxúria
nem homens
nem mulheres
nem monstros,
não restaram nem orelhas
escrotais, nem
flechas lâminas facas viris
copulando em morangos,
cavalgando em falos,
nem ovos, nem úteros de vidro.
Um Bosch sem delícias
terrenas.
Fechado, o tríptico grita:
"Ele mesmo ordenou
e tudo foi criado".
Agora tudo é Inferno
- morte e medo da morte -
em Bérghamo.

[ontem]
Seguindo, doente obcecado,
o preciso apagamento de
José M. Ballester,
chego num mundo
sem a harmonia
sem o nudismo
das curvas puras e castas
de Vênus.
o vazio da concha no mar
não promoveria mais
o nascimento da beleza?
Sem Afrodite,
sem a filha do Céu e da Terra,
fecundada na espuma do mar,
restaria fertilidade?
Sobriria algum prazer?
Sem o sopro do vento oeste,
sem Zéfiro, teríamos
o amor na Terra?
Sem a presença da deusa
da primavera, não teríamos
a renovação do planeta?

Sem o manto bordado
de açucenas,
carregado por uma Hora,
somos privados das estações do ano?
Sem a deusa Flora,
vestida com flores bordadas,
não teremos primavera?
[inabitados os espaços
de Botticelli,
servirão de lugares
para um outro renascimento
de novos homens
novíssimas mulheres
transgêneras
deusas e deuses do amor?]

[agora, no pranto]
Se alguém levasse uma tirinha
do impresso rasgada à boca
sentiria o salgado dos meus olhos,
junto da tinta preta da prensa.
[Vagamente se moviam,
em fila,

dirigidos por soldados]
[Agora]
Eu projeto na minha parede
a não figura que faltava
ontem...
o Cristo Crucificado
de Velázquez
sem seu corpo
Não sobra nem a força
do sangue, vermelho, rubro
apagado pelo fundo
da tela em trevas,
um céu preto
e madeiras em cruz.
[Iriam aqueles corpos
em procissão ao encontro
de Jesus]

Aos prantos,
ligo vídeos caseiros
e assisto as despedidas
- amantes, amigos, parentes -
todo povo à distância,

em varandas e janelas,
em um adeus
em bemol menor,
sem o cheiro de flores,
crisântemos,
nem camafeus pendurados
em vestidos pretos.
Acenam pros caixões,
pros soldados, pros defuntos
de Bérghamo.

Agora, estamos todos guardados!
para quando todo o horror terminar,
realmente velarmos todos os mortos.
[Ah, cidade cantada por Hesse,
seu palácio e praça,
“o canto mais belo da Itália”]
Hoje a beleza anda tímida,
nem horizonte,
nem quadros,
nem galerias,
nem natureza,
nem coleções,

encobrem a tristeza,
dos mortos de Bérgamo,
da cidade fortaleza
que desdenhou a Praga.

Eu penso na arte de
José Manuel Ballester
tomando de empréstimo
Da Vinci, Géricault, Goya, Vermeer...
Enquanto as mortes só crescem:
aves da noite em New York,
falcões da noite em Paris,
gaviões da noite em São Paulo,
urubus sobrevoam
a Cidade Tiradentes,
necrófagos da cabeça-preta
em Manaus,
em Wuhan,
em províncias latinoamericanas,
abutres do velho-mundo
nos céus de Bérgamo!

[Hoje]

Eu aqui, no sofá,
tentando fugir da morte
grave
melancólico, taciturno,
como uma personagem de Hopper,
perdido em pensamento...
Bérgamo é para mim
o que foi Pearl Harbor para Edward.
Rumino o futuro fim
das cidades,
a vida perdida,
interrompida, solitária,
no desígnio poético
de um bar sem alicerces,
sem clientes
no balcão solidão
de esquina depressiva,
decadente,
de um não lugar
de um mundo porvir.

Ah, os mortos de Bérgamo!,
em mim e em ti
sobreviverão.

dois tempos, uma cidade

para Daniela Thomas

Com o perplexo dissipado,
seguiremos de onde
paramos?

agora sustamos
o desnorteado
índigo azo,
ingerimos o pior
momento,
todavia,
digerimos o melhor
ensejo.

Inferimos o tempo
da insensatez,
contudo,
inserimos a tempo
da sabedoria.

Regíamos uma época
de desesperança,
Agora,
gerimos uma época

de crença, percepção,
consciência,
nada nos é certo
tudo se faz encoberto.
Anuviados
ainda teremos o mundo
diante de nós!

Se preciso,
dê o seu coração,
divida com os de fora,
e comungue
nas mãos da esperança.
Pagamos por uma estação
de trevas,
mas não apagaremos
a luz.

A primavera
de encantamento
vencerá o inverno
de descontentamento.
Temos a pequenez
defronte de nós,

teremos o todo
diante de nós.
Não sonhamos
com paraísos,
ainda assim
não nos afastemos mais,
avançando no sentido
contrário da Terra.

Fomos bucaneiros,
máculas,
sejamos retos!
Agora não há
antídoto,
mas fabricamos
utopias.
Amanhã estaremos curados?
Paulo já nos disse,
com sorte azul,
firmamento e horizonte:
amanhã deve dar praia!
Mesmo que não haja

rima
em poema pessimista,
teremos alguma
poesia,
mesmo que isso tudo
e o mundo
não deem em nada,
noves fora.

Antonio Martinelli Jornalista e gestor cultural. Formado em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade de Presbiteriana Mackenzie; cursou Filosofia na USP (Universidade de São Paulo) e Pós Graduação Latu Sensu – Especialização em Literatura Contemporânea (PUC São Paulo). Trabalhou na Revista Caros Amigos, entre 2004 e 2006. Desde 2005, trabalha no Sesc São Paulo nas áreas de Teatro, Literatura e Teatro para Crianças. Trabalhou para o MinC (Ministério da Cultura) e MRE (Ministério de Relações Exteriores/Itamaraty) – sob orientação da FUNARTE (Fundação Nacional das Artes) e da Biblioteca Nacional – na coordenação artística do projeto "Brasil, país homenageado na Feira do Livro de Frankfurt", em 2013, na Alemanha; atuando neste como curador das atividades artísticas (teatro, dança, música) e de todas as ações na área literária, e em outras Feiras do Livro, como as de Leipzig, Colônia e ações em Berlim. No mesmo projeto, coordenou o Pavilhão Brasileiro na Feira de Frankfurt. Participou de juris e comissões, a convite da Secretaria Estadual de Cultura, em Proacs (dramaturgia, bibliotecas e literatura) e no Prêmio Governador do Estado de São Paulo, na categoria Teatro, em 2015; bem como do grande júri do Prêmio Portugal Telecom de Literatura, em 2014. Foi dramaturgo no filme "O Banquete", de Daniela Thomas. Atualmente é gerente do Sesc Ipiranga.

n-1edicoes.org

~~PERASSI~~

junho_2020